

# MUNDOS DO TRABALHO

Publicação eletrônica semestral do GT “Mundos do Trabalho” - ANPUH (e-ISSN 1984-9222)

Dossiê

## Trabalho doméstico: sujeitos, experiências e lutas

Organização

Flavia Fernandes de Souza  
e Maciel Henrique Silva



Apoio logístico  
UFSC

Julho/Dezembro 2018  
Volume 10 - Número 20

Programa de Pós-Graduação  
em História - UNEB (Campus  
Alagoinhas)



# MUNDOS DO TRABALHO

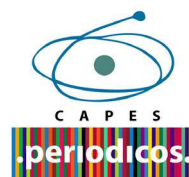
Publicação do GT Mundos do Trabalho,  
da Associação Nacional de História

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/index>

*Mundos do Trabalho* (e-ISSN: 1984-9222) é uma publicação semestral do GT “Mundos do Trabalho” da Associação Nacional de História (ANPUH). Tem por objetivo primordial a divulgação da produção acadêmica brasileira e internacional, da área de História e afins, que dialogue com a perspectiva da História Social do Trabalho. A revista recebe, em português, espanhol ou inglês, artigos para dossiês temáticos e seção livre, além de resenhas, entrevistas, comentários sobre fontes primárias inéditas, debates e conferências. O material enviado será examinado pela Equipe Editorial e repassado a dois membros do Conselho Editorial ou assessores *ad hoc*, sendo de responsabilidade dos proponentes a garantia da originalidade e do ineditismo de suas colaborações. As identidades de autores e de pareceristas serão salvaguardadas mediante avaliação cega por pares.

As atividades da revista contam com o suporte logístico da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e o apoio institucional do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

*Mundos do Trabalho* está indexada nas bases:



## FICHA TÉCNICA

**ORGANIZAÇÃO DO NÚMERO** Flavia Fernandes de Souza e Maciel Henrique Silva

**EDITORES DO NÚMERO** Aldrin Castellucci, David P. Lacerda e Nauber Gavski da Silva

**REVISÃO DE TEXTO** 2Designers

**PROJETO GRÁFICO** Virgínia Loureiro

**DIAGRAMAÇÃO** 2Designers

# MUNDOS DO TRABALHO

Publicação eletrônica semestral do GT “Mundos do Trabalho” - ANPUH

e-ISSN 1984-9222

## GRUPO DE TRABALHO “MUNDOS DO TRABALHO”

(<http://gtmundosdotrabalho.org/>)

### Coordenação Nacional

Fabiane Popinigis

### Coordenações Estaduais

#### Amapá

Adalberto Paz

#### Amazonas

Maíra Chinelatto Alves  
Francisca Deusa Sena da Costa

#### Bahia

Vinicius de Rezende

#### Mato Grosso do Sul

Vitor Wagner Neto de Oliveira

#### Pará

Edilza Joana Oliveira Fontes  
Thiago Broni de Mesquita

#### Paraná

Antônio de Pádua Bosi

#### Rio de Janeiro

Renata Moraes  
Claudiane Torres

#### Rio Grande do Sul

Micaele Scheer  
Fernando Cauduro Pureza

#### Santa Catarina

Adriano Luiz Duarte

#### São Paulo

Dainis Karepovs



Apoio logístico  
Programa de Pós-graduação  
em História da UFSC

Julho/Dezembro 2018  
Volume 10 - Número 20



Apoio institucional  
Programa de Pós-Graduação em História -  
UNEB (Campus Alagoinhas).

## EQUIPE EDITORIAL

### EDITORES

[Aldrin Castellucci](#)

Universidade do Estado da Bahia, Brasil

[Caio Vinicius de Castro Gerbelli](#)

Secretaria Municipal de Educação de Santo André, Brasil

[David Lacerda](#)

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

[Melina Kleinert Perussatto](#)

Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil

[Micaele Irene Scheer](#)

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

[Nauber Gavski da Silva](#)

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

### CONSELHO EDITORIAL

[Alexandre Fortes](#)

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil

[Antonio Luigi Negro](#)

Universidade Federal da Bahia, Brasil

[Barbara Weinstein](#)

New York University, Estados Unidos da América do Norte

[Beatriz Mamigonian](#)

Universidade Federal de Santa Catarina

[Claudio Henrique de Moraes Batalha](#)

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

[Dick Geary](#)

Nottingham University, Reino Unido

[Flavio dos Santos Gomes](#)

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

[Henrique Espada Lima](#)

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

[John D. French](#)

Duke University, Estados Unidos da América do Norte

[José Ricardo G. P. Ramalho](#)

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

[José Sérgio Leite Lopes](#)

Museu Nacional - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

[Marcel van der Linden](#)

International Institute of Social History, Holanda

[Marcelo Badaró Mattos](#)

Universidade Federal Fluminense, Brasil

[Marco Aurélio Santana](#)

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

[Maria Célia P. M. Paoli](#)

Universidade de São Paulo, Brasil

[Michael McDonald Hall](#)

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

[Mirta Zaida Lobato](#)

Universidad de Buenos Aires, Argentina

[Norberto Osvaldo Ferreras](#)

Universidade Federal Fluminense, Brasil

[Prabhu Mohapatra](#)

University of Delhi

[Sidney Chalhoub](#)

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

[Vitor Wagner Neto de Oliveira](#)

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Brasil

### GERENTE

Henrique Espada Lima

# Sumário

**Apresentação** ..... 9

## **Dossiê: Trabalho doméstico: sujeitos, experiências e lutas**

A cidadania submersa. O trabalho doméstico entre os séculos XIX e XX ..... 15  
*Paolo Passaniti*

De “um pé na cozinha” a “um pé na porta”: a PEC das Domésticas no Brasil,  
suas oportunidades e seus desafios ..... 31  
*Madeleine Octavia Roberts*

From “A foot in the kitchen” to “A foot in the door”: The PEC das Domésticas in Brazil  
and its opportunities and challenges

O XI Congresso Nacional das Trabalhadoras Domésticas e a luta  
por direitos no Brasil ..... 61  
*Juliana Sousa*

Gênero e raça no trabalho doméstico livre em Salvador em fins  
do século XIX: o surgimento de uma classe fatalmente segmentada ..... 81  
*Marina Leão de Aquino Barreto*

“Precisa-se de uma menor para pequenos serviços de uma casa”:  
a mão de obra infanto-juvenil no serviço doméstico carioca (1880-1930) ..... 103  
*Natália Batista Peçanha*

¿Labores femeninas o trabajo? Mujeres dedicadas a la costura  
en Buenos Aires, 1852-1862 ..... 125  
*Gabriela Mitidieri*

Trabalho escravo e trabalho livre: os forros engajados nos serviços  
domésticos no Recife oitocentista ..... 145  
*Tatiana Lima*

## **Entrevista**

“Eu tinha minha liberdade”: entrevista de Nair Jane de Castro Lima,  
liderança histórica das trabalhadoras domésticas do Rio de Janeiro ..... 167  
*Paulo Fontes, Louisa Acciari, Tatiane de Oliveira Pinto e  
Yasmin Getirana Gonçalves Vicente*

## **Resenha**

Mundos do Trabalho em diálogo: a importância das intersecções para  
a História do Trabalho ..... 191  
*Alessandra Belo Assis Silva*





# Trabalho doméstico: sujeitos, experiências e lutas

Flavia Fernandes de Souza\*

Maciel Henrique Silva\*\*

Nas últimas décadas, muito foi discutido, entre historiadores sociais brasileiros e estrangeiros, sobre as renovações ocorridas no campo da História Social do Trabalho. Em já conhecidos balanços historiográficos reconheceu-se o fato de que, após um período de crise nos anos 1990, os estudos acadêmicos reunidos em torno da História do Trabalho, no Brasil e no mundo, aumentaram em termos de pesquisas e publicações e passaram por significativas mudanças nas primeiras décadas do século XXI.<sup>1</sup> De modo geral, tais transformações foram marcadas por uma ampliação de temas e problemas e por uma abertura para novos métodos e abordagens. No Brasil, até os anos 1980, aproximadamente, pode-se dizer que se predominou o interesse pelo movimento operário e pelas relações dos trabalhadores organizados com o patronato e o Estado, a partir daquele momento, a historiografia do trabalho passou a abranger também outras dimensões das experiências dos trabalhadores, as quais envolvem, por exemplo, o cotidiano de vida e de trabalho e todo o universo da cultura operária.

Um dos aspectos mais evidentes desse processo de renovação na História do Trabalho é a mudança de perspectiva em relação ao seu objeto, que, inequivocamente, deixou de ser a história do operariado fabril (branco, masculino, imigrante, urbano e organizado). Conforme apontaram Alexandre Fortes e John French, “a exploração da complexidade da formação da classe, com atenção para a diversidade de culturas e identidades entre os trabalhadores” e “a redefinição do campo através de um esforço consciente para incluir aqueles que estão fora do mundo urbano-industrial”, implicou em “um recuo no tempo para incluir o trabalho escravo e outras formas não assalariadas de trabalho”.<sup>2</sup>

Não por acaso, vale destacar que, em função dessa alteração de perspectiva, ampliaram-se os diálogos – ou, ao menos, a proposta de diálogo – entre a História Social da Escravidão e a História Social do Trabalho, contribuindo para aprofundar

\* Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Pós-doutoranda vinculada ao Instituto de História da UFF e bolsista PNPd-Capes. E-mail: flaviasza@outlook.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9146-5211>.

\*\* Doutor em História Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE). E-mail: macielcarneiro@gmail.com.

1 BATALHA, Claudio H. M. Os desafios atuais da História do Trabalho. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p. 87-104, jan./dez. 2006; FINK, Leon. Como um campo sobreviveu a tempos difíceis. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 32, n. 64, p. 15-25, 2012; FRENCH, John D. A história latino-americana do trabalho hoje. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 6, n. 6, p. 11-28, 2002.

2 FORTES, Alexandre; FRENCH, John D. Sobre encanadores e filósofos: fazendo História do Trabalho no Brasil. In: FORTES, Alexandre; LIMA, Henrique Espada; PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz; XAVIER, Regina Célia Lima (org.). **Cruzando fronteiras: novos olhares sobre a História do Trabalho**. São Paulo: Perseu Abramo, 2013. p. 18.

o alargamento dos limites temporais e espaciais que marcaram a produção acadêmica de outrora neste último campo.<sup>3</sup>

Podemos dizer, portanto, que a grande questão que mobilizou – e mobiliza – os historiadores do trabalho nesse processo de renovação é a problemática em torno da definição do sujeito dessa história, os trabalhadores e as trabalhadoras. Por um lado, cresceram os debates que buscam melhor caracterizar as concepções de classe, seja por meio da crítica ao entendimento tradicionalmente dado ao conceito ou da defesa do resgate do sentido original do mesmo na perspectiva do materialismo histórico,<sup>4</sup> seja por meio da redefinição ou ampliação do conceito engendrada por novas propostas teórico-metodológicas de cunho transnacional, como é o caso da chamada História Global do Trabalho.<sup>5</sup> De outro lado, outras importantes categorias analíticas e sociais ganharam espaço nos estudos realizados na História Social do Trabalho, como as de gênero e de raça.<sup>6</sup> Assim, consolidou-se o pressuposto de que a classe trabalhadora não pode mais ser compreendida de maneira homogênea sem se considerar as suas diferenças, em termos de identidades e desigualdades.

Nesse sentido, é a partir desse contexto de mudanças do ponto de vista historiográfico que é possível compreender o tema do presente dossiê temático da *Revista Mundos do Trabalho*. Afinal, foi no interior desse movimento de transformações que ocorreu, nas últimas décadas, igualmente, a emergência do trabalho doméstico<sup>7</sup> nos domínios da história e, em especial, no campo da História Social do Trabalho. Em um esforço inicial de levantamento historiográfico realizado há alguns anos, foi possível verificar como a história do trabalho doméstico eclodiu como um tema de interesse e de pesquisas nos primeiros anos do século XXI.<sup>8</sup> Sendo este um fenômeno digno de nota, tendo em vista que, até então, a história das(os) trabalhadoras(es) domésticas(os) havia sido pouco estudada pelos historiadores brasileiros – tanto que, até o final da década de 1990, o estudo

3 CHALHOUB, Sidney; SILVA, Fernando Teixeira da. Sujeitos no imaginário acadêmico: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde os anos 1980. *Cadernos AEL*, Campinas, v. 14, n. 26, p. 13-47, 2009; GOMES, Flávio; NEGRO, Antonio Luigi. Além de senzalas e fábricas: uma história social do trabalho. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 217-240, jun. 2006; PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. Levantamento da produção bibliográfica e de outros resultados de investigação sobre a história operária e o trabalho urbano fora do eixo Rio-São Paulo. *Cadernos AEL*, Campinas, v. 14, n. 26, 2009.

4 NEGRO, Antonio Luigi. Rodando a baiana e interrogando um princípio básico do comunismo e da História Social: o sentido marxista tradicional de classe operária. *Revista Crítica Histórica*, ano III, n. 5, p. 11-25, jul. 2012; MATTOS, Marcelo Badaró. A classe trabalhadora: uma abordagem contemporânea à luz do materialismo histórico. *Outubro*, n. 21, p. 83-117, 2.º sem. 2013.

5 LINDEN, Marcel van der. *Trabalhadores do mundo: ensaios para uma história global do trabalho*. Campinas, SP: Unicamp, 2013.

6 POPINIGIS, Fabiane; TERRA, Paulo Cruz. Classe, raça e história social do trabalho no Brasil (2001-2016). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 66, p. 307-329, jan.-abr. 2019; SILVA, Maciel Henrique C. da. História Social do Trabalho e História das Mulheres: percursos da historiografia brasileira. *Historien*, Petrolina, v. 1, p. 84-102, 2010; RAGO, Margareth. Relações de gênero e classe operária no Brasil (1890-1930). In: PISCITELLI, Adriana; MELO, Hildete. P.; MALUF, Sônia. W.; PUGA, Vera. L. (org.). *Olhares Feministas*. Brasília: Edições MEC/Unesco, 2007. p. 219-237.

7 Considera-se neste dossiê a utilização corrente do termo “trabalho doméstico”, sem, contudo, perder de vista sua complexidade e historicidade. Isso porque a noção de “trabalho doméstico”, para além do sentido de um conjunto de tarefas reprodutivas relacionadas ao cuidado das pessoas e de manutenção da vida em ambientes domiciliares – que são executadas no contexto da família, como trabalho gratuito e predominantemente feminino –, envolve também a prestação de serviços realizada por trabalhadores, sobretudo trabalhadoras, de diferentes condições jurídicas e formas de exploração do trabalho a depender do contexto histórico – podendo ou não ser remunerada –, bem como a modalidade de emprego assalariado existente em sociedades capitalistas contemporâneas.

8 SOUZA, Flávia Fernandes. Trabalho doméstico: considerações sobre um tema recente de estudos na História Social do Trabalho no Brasil. *Revista Mundos do Trabalho*, v. 7, n. 13, p. 275-296, jan.-jun., 2015.

pioneiro de autoria da historiadora norte-americana Sandra Graham era o único trabalho de fôlego conhecido entre os interessados no tema.<sup>9</sup>

Esse quadro começou a mudar entre o final da década de 2000 e a primeira metade dos anos 2010, quando houve um *boom* de pesquisas produzidas por uma nova geração de historiadores, formada, em sua maioria, em programas de pós-graduação que abrigavam especialistas e linhas de pesquisa dedicados à História Social do Trabalho e da Escravidão. Outros fatores contribuíram para essa mudança, como a expansão ocorrida no ensino superior brasileiro naquele momento, aliada à promoção de políticas de ações afirmativas, que permitiram maior diversidade entre os estudantes das universidades públicas, os quais contribuíram para o crescimento do interesse por novos temas de pesquisa.

No entanto, como geralmente ocorre, esse não foi um resultado de uma dinâmica puramente acadêmica. Muito pelo contrário. Foi em meio a um contexto social de embates entre padrões/patroas e empregadas domésticas, reivindicações históricas de organizações sindicais, matérias jornalísticas, debates parlamentares e intelectuais e conferências internacionais – a exemplo daquelas que mobilizaram a Organização Internacional do Trabalho entre 2010 e 2011, para a construção da “Convenção sobre o Trabalho Decente para as Trabalhadoras e os Trabalhadores Domésticos” –, que o trabalho doméstico ganhou projeção nos espaços públicos. Isso ocorrendo especialmente quando da criação da Emenda Constitucional n.º 72, aprovada em 2013 e regulamentada em 2015 (pela Lei Complementar n.º 150, de 1º de junho de 2015), e que, finalmente, estabeleceu a igualdade de direitos trabalhistas entre as(os) empregadas(os) domésticas(os) e os demais trabalhadores assalariados brasileiros.

Portudo isso, a atualidade e a relevância do tema deste dossiê são incontestes. Ainda mais porque ele vai ao encontro e traz inúmeras contribuições para uma das problemáticas centrais que tem mobilizado os historiadores do trabalho nas últimas décadas, que é entender quem era, que tipo de trabalho e qual o papel político, econômico, social e cultural exerceu o conjunto dos trabalhadores brasileiros em diferentes situações históricas. E como considerar isso sem levar em conta os sujeitos, as experiências e as lutas das(os) trabalhadoras(os) domésticas(os), que em todos os momentos da nossa história contemporânea constituíram uma das maiores, mais diversificadas, complexas e dinâmicas esferas laborais?

O dossiê *Trabalho doméstico: sujeitos, experiências e lutas*, ora publicado pela *Revista Mundos do Trabalho*, é, portanto, um gesto político e científico. Reunir, por meio de pesquisas bem fundamentadas, um amplo conjunto de experiências das trabalhadoras e trabalhadores domésticos, seja no contexto brasileiro, seja em esferas internacionais, nesses tempos difíceis de generalizada precarização das condições de trabalho, bem como de retrocessos e ataques a direitos conquistados por meio de inúmeras lutas realizadas pela classe trabalhadora, simboliza ao mesmo tempo o avanço das pesquisas das ciências humanas como um todo, e da História do Trabalho em particular, bem como o reconhecimento das próprias trabalhadoras e trabalhadores domésticos como sujeitos históricos de peso, no passado e no presente.

Reunindo pesquisas, análises e reflexões de seis historiadoras e um historiador sobre a história do trabalho doméstico ao longo dos últimos séculos, no Brasil e em alguns cenários europeus e sul-americanos, o dossiê é aberto com uma

9 GRAHAM, Sandra Lauderdale. **Proteção e obediência:** criadas e seus patrões no Rio de Janeiro, 1860-1910. Tradução Viviana Bosi. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

discussão teórica aprofundada. Paolo Passaniti mergulha nos mares da “cidadania submersa” que envolveu o trabalho doméstico na ordem burguesa a partir dos marcos da história e do Direito italianos. O texto atravessa os séculos XIX e XX e debate temas fundamentais. Um deles é o da invisibilidade do trabalho doméstico, marcado pela servidão e pelo “costume social” regido pela noção de uma suposta “benevolência” – no Brasil, chamaríamos, provavelmente, de “proteção/paternalismo” – que tornava o trabalho doméstico território não normatizado. A seguir, e depois de assinalar a marginalização do trabalho doméstico das lógicas contratuais e da cidadania burguesa, Passaniti discute o tema da trajetória normativa em diversos momentos da Itália do século XX. Assim sendo, o debate proposto pelo autor aponta para permanências costumeiras de servidão, para limites de cidadania, para a modernização italiana e impulsos econômicos que afetaram a própria categoria de trabalho doméstico entre os anos 1950 e 1960. Os vínculos entre História e Direito, do mesmo modo, vêm contribuir com um debate já emergente na historiografia brasileira mais recente, a saber, o que articula escravidão, justiça e direitos.

Seguimos com o repasse do longo processo histórico da luta política por direitos, que implicou a passagem da categoria dos trabalhadores domésticos brasileiros como cidadãos de “segunda classe” para trabalhadores com direitos iguais com a denominada “PEC das Domésticas” (2013). Em seu artigo, Madeleine Octavia Roberts discute o ambiente no qual essa lei foi aprovada. A autora demonstra o seu significado como marco maior e culminância de uma extensa história de negação de direitos, de violação da dignidade humana nos lares brasileiros; se pergunta pelos atores envolvidos, aponta organismos nacionais e internacionais, movimentos sociais, lideranças políticas feministas e negras, entidades representativas das trabalhadoras domésticas de todo o país, que pressionaram o Estado brasileiro. Ao final, indica o sentido simbólico de perda/ganho de *status* entre patrões/patroas e empregadas domésticas.

Em diálogo com o tema dos direitos e da organização das trabalhadoras domésticas nas últimas décadas, o artigo seguinte, de autoria de Juliana Sousa, apresenta uma análise dos diversos congressos já realizados pela categoria. A autora reconstrói o percurso histórico que remonta aos anos 1930, quando Laudelina de Campos Melo (uma das principais representantes históricas e símbolo nacional das lutas das mulheres trabalhadoras domésticas brasileiras por seus direitos) fundou, em Santos, a Associação Profissional de Empregados Domésticos, até o contexto atual, com o XI Congresso Nacional das Trabalhadoras Domésticas e os novos desafios que estão sendo colocados para a categoria. Desafios estes impostos pela precarização das relações de trabalho, inscritas na Reforma Trabalhista, Lei n.º 13.467/2017, que promove a “demolição dos modelos de proteção social”.

No quarto artigo que compõe o dossiê, Marina Leão de Aquino Barreto problematiza momento crucial da história trabalho doméstico no Brasil, qual seja os anos finais do século XIX e da escravidão legal no Brasil. Ao mesmo tempo em que abre uma reflexão sobre a diversidade que constitui a composição da força de trabalho no âmbito doméstico. A autora utiliza-se de fontes pertinentes, articula gênero e raça na leitura de registros de matrículas de trabalhadoras e trabalhadores domésticos pela Secretaria de Polícia de Salvador, na década de 1880. Traz contribuições fundamentais ao debate sobre a precarização do trabalho doméstico de negros livres e libertos, em especial de mulheres negras, no contexto de fim da escravidão, bem como sobre os instrumentos de controle criados pelo

Estado no contexto da abolição. Nos anos 1880, quando a escravidão legal estava em seu ocaso, o trabalho doméstico livre fora objeto de uma legislação que impunha mais controles aos trabalhadores domésticos racialmente e socialmente estigmatizados do que garantias de direitos.

O artigo de Natália Batista Peçanha dá continuidade à reflexão sobre a complexidade que historicamente compôs as experiências de trabalho no âmbito da domesticidade ao apresentar uma análise do engajamento de crianças e adolescentes na prestação de serviços domésticos, entre o final do século XIX e o início do século XX. A exploração do trabalho infantil, sob diversas modalidades, marcou o Brasil oitocentista. Na verdade, o tema do trabalho doméstico é inseparável de uma história da infância, e o artigo nos ensina os discursos por trás dessa precoce inserção de menores no mundo do trabalho. Do mesmo modo, demonstra que as categorias raça e classe implicavam a construção de instituições e de mecanismos de controle e agenciamento de trabalho doméstico sob a máscara da proteção à infância. Ser criança negra e pobre, nas principais cidades brasileiras do século XIX, parecia demarcar um destino inescapável de trabalho doméstico em casas de família, onde as primeiras lições de servidão e violência eram comuns.

Trazendo uma importante contribuição para uma reflexão mais ampliada, global e comparativa do tema trabalho doméstico, em meados do século XIX, o artigo de autoria de Gabriela Mitidieri aborda a atividade de costura e seus diversos significados na Buenos Aires do período imediato à derrocada do governador Don Juan de Manuel Rosas. Na fronteira entre labor e trabalho, entre o ócio de mulheres abonadas e a sobrevivência de mulheres necessitadas, a atividade de costura exerceu um papel fundamental na capital argentina. Para além da noção de valor econômico em si mesmo, a autora percebe e articula os valores ditos “femininos” de serviço, de laboriosidade e de caridade. Sensível às articulações entre classe, gênero e raça, traz contribuições relevantes ao tema, ao permitir, inclusive, uma reflexão sobre os limites e definições do trabalho doméstico.

O artigo de Tatiana Lima é um estudo que conecta os estudos de História Social da Escravidão com os estudos da História Social do Trabalho. O uso de inventários traz novas perspectivas sobre a organização da vida doméstica, da escravidão e da liberdade, os sentidos das alforrias, entre outros ganhos analíticos importantes. A autora costura, em uma narrativa que abrange diferentes conjunturas históricas no decorrer do século XIX, as experiências de libertos, de escravizados e de livres pobres no âmbito da domesticidade. Autonomias e controles diversos sugerem relações sociais ainda marcadas fortemente pelo paternalismo. Um tipo de código não escrito de relações sociais: gratidão, fidelidade, subalternidade poderiam servir para a construção de uma relativa autonomia.

Fechando o dossiê com “chave de ouro”, temos a bela entrevista concedida por Nair Jane de Castro Lima ao historiador Paulo Fontes e às pesquisadoras Louisa Acciari e Tatiane de Oliveira Pinto, no Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas, em 2017. Trata-se de um material de valor inestimável, por recuperar a trajetória pessoal e política de uma mulher negra, empregada doméstica e uma liderança histórica das trabalhadoras domésticas do estado do Rio de Janeiro. Além de se constituir como fonte fundamental para os historiadores do trabalho ao destacar como as relações de trabalho estabelecidas entre patroas/patrões e empregadas domésticas, nas palavras dos autores, “foram e ainda são permeadas por marcadores de classe, raça, gênero e geração, constituindo a realidade de assimetrias de poder a que

têm sido submetidas essas trabalhadoras, apesar dos avanços na legislação nos últimos anos”.

Por fim, desejamos que a leitura dos artigos e da entrevista nos mova para um outro lugar, para uma outra consciência. Sabemos que um dossiê não esgota temas. Ele os anuncia. Ele os provoca. Ele é lacunar. Incompleto e interminável como as próprias lutas históricas dos trabalhadores e trabalhadoras por direitos. Como a própria Nair Jane de Castro Lima falou: “Nós queremos os direitos, mas que direitos são esses que não nos dão completos?”. Essas histórias dadas a ler, prezada Nair Jane, discutem e assumem essa incompletude, os caminhos nada lineares percorridos entre escravidão e liberdade, entre paternalismo e direitos. Mas que ao mesmo tempo são caminhos contínuos de experiências de vida, trabalho, lutas e resistências.